

A EPÍGRAFE LATINA COMO ELEMENTO DIDÁTICO (XXVII)

Formulários demonstram concepções

Também os textos epigráficos são passíveis de análise literária, mormente se pensarmos que, sendo mensagem sintética visando perenidade, não só interessa o que nela está explícito mas igualmente (e de modo especial!) o que se pressupõe implícito.

Vamos exemplificá-lo com três expressões correntes na epigrafia funerária, que, por serem habituais, se encontram geralmente em siglas.

Hic situs est, «aqui jaz»

Atente-se, em primeiro lugar, no *hic*, «aqui». Implica a ideia de que é mesmo naquele lugar que o defunto se encontra; o corpo ou as cinzas ali depositados consubstanciam uma existência real, concreta; uma vida diferente, sem dúvida, mas vida num lugar preciso, sagrado, a venerar.

Situs est acentua essa noção de presença: «está colocado», «está sepultado». Anote-se que se trata do particípio passado do verbo *sinere*, cujos significados, ainda que etimologicamente se privilegie o «colocar», são também, neste âmbito, deveras elucidativos: deixar (em paz), consentir, não estorvar... A noção de uma respeitosa distância.

E o verbo está no presente do indicativo, a sublinhar bem a realidade. Não se trata de algo que se realizou ou vai realizar-se, não: é. Mantém-se. E com a idade com que feneceu. Essa mesmo.

O diálogo

A ternura que dimana do epitáfio de Comínia Avita, falecida aos nove anos, recordada por seus pais, Marco Comínio Clemente e Víbia Avita (foto 1), está patente na inclusão, no meio da linha 2, das duas aves, que parecem debicar uma folha de hera ou uma parra, símbolo, quiçá, da efêmera vida que a filha pôde saborear ou da que ora saboreia no Além.

Contudo, o que mais poderá chamar a atenção é a série de siglas dessa 2ª linha: H · S · E · T · R · P · D · S · T · T · L, que, desdobradas, significam H(ic) S(ita) E(st) T(e) R(ogo) P(raeteriens) D(ic) S(it) T(ibi) T(erra) L(evis),

«Aqui jaz. Rogo-te, ó passante, que digas ‘a terra te seja leve’». Há, pois, a vontade expressa de estabelecer um diálogo entre quem ali se encontra identificado e o anónimo transeunte que, por instantes, ali se deteve a ler o singelo e emocionante escrito. E também aqui é o presente que se usa; para mais, na segunda pessoa do singular! Este tratamento por tu, queiramos ou não, consubstancia uma intimidade que se pretende insinuar, manter, tornar bem evidente – que, afinal, somos elos de uma mesma cadeia, na vida e na morte!... Tal como, nas alminhas que bordejam nossos caminhos e sinalizam encruzilhadas, P. N. A. M. são letras singelas no convite amigo a que pelas almas dos que já passaram rezes um padre-nosso e uma ave-maria!...



Foto 1

A passagem

Nossos caminhos, nossas encruzilhadas... A ideia de passagem está, de resto, bem vincada no uso do participípio presente *praeteriens*, do verbo *praeterere*, passar perto ou ao longo de... Que as sepulturas se colocavam ao longo dos caminhos, para que esse convívio continuasse – e temos, em Pompeios, a bem esclarecedora *Via dei Sepolcri*, numa das entradas da cidade...

E se o epitáfio achado em Elvas¹ já é, por si, deveras significativo, estoutro, da *civitas Igaeditanorum* (Idanha-a-Velha)², não deixa também de ser eloquente, pois aí se gravou (foto 2):

*Tu qui legis ave
Perlegisti salve*

¹ Cf. ENCARNÇÃO, José d', *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*, Coimbra, Instituto de Arqueologia, 1984, inscrição n.º 583.

² SÁ (Ana Marques de), *Civitas Igaeditanorum: Os Deuses e os Homens*, Idanha-a-Nova, 2007, inscrição n.º 176.

que é como quem diz: «Olá, tu que me estás a ler!... Já leste tudo? Passa bem!».³

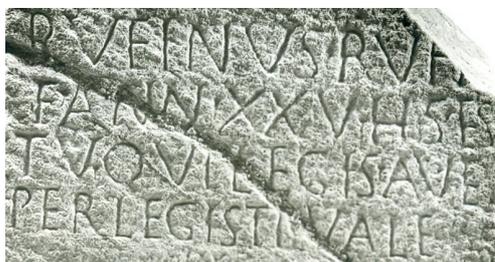


Foto 2

Aqui, o diálogo sai reforçado na dupla saudação, que hoje tem paralelo nalgumas placas que dizem «Bem-vindo! Adeus!» (foto 3). E, por outro lado, o incitamento à leitura – pois que, conscientemente ou não, o ‘leitor’ formulou o voto «que a terra te seja leve»! – está magistralmente marcado pelo verbo usado no final: *perlegere* não é um ler qualquer, é ler de fio a pavio, com toda a atenção!

E assim se passa a mensagem!



Foto 3

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

³ Tive ensejo de glosar esta frase em: «Venisti, ave! Legisti, salve!», *Lions Portugal* 5 (Fevereiro 1987), p. 17.

